



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

CRISTINA SILVA DOS SANTOS

**A COMUNIDADE DO ENGENHO DE BAIXO (SÃO FRANCISCO DO CONDE/BA)
ATRAVÉS DOS DESENHOS DAS CRIANÇAS**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2020

CRISTINA SILVA DOS SANTOS

**A COMUNIDADE DO ENGENHO DE BAIXO (SÃO FRANCISCO DO CONDE/BA)
ATRAVÉS DOS DESENHOS DAS CRIANÇAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras - Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Maroto Guerola.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2020

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

S234c

Santos, Cristina Silva dos.

A comunidade do Engenho de Baixo (São Francisco do Conde/BA) através dos desenhos das crianças / Cristina Silva dos Santos. - 2020.

45 f. : il. color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2020.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Maroto Guerola.

1. Crianças - Linguagem. 2. Desenho infantil - Engenho de Baixo (São Francisco do Conde, BA) - Aspectos sociais. 3. Representação mental em crianças - Engenho de Baixo (São Francisco do Conde, BA). I. Título.

BA/UF/SEBI

CDD 407

CRISTINA SILVA DOS SANTOS

**A COMUNIDADE DO ENGENHO DE BAIXO (SÃO FRANCISCO DO CONDE/BA)
ATRAVÉS DOS DESENHOS DAS CRIANÇAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

Aprovado em 06 de fevereiro de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Maroto Guerola (Orientador)

Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Professor Adjunto do Instituto de Humanidades e Letras do Campus dos Malês da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof. Dr. Alexandre Antônio Timbane

Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP

Professor Adjunto do Instituto de Humanidades e Letras do Campus dos Malês da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.^a Dr.^a Erica Aparecida Kawakami Mattioli

Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos

Professora Adjunta do Instituto de Humanidades e Letras do Campus dos Malês da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a meu bom Deus, pela dádiva da vida.

Ao meu querido professor Dr. Carlos Maroto Guerola pela disponibilidade, paciência, dedicação e incentivo. Não tenho palavras para agradecer o quanto foi importante nesta batalha.

À minha família, filhos e esposo, pela força e incentivos; sei que não foi fácil as muitas vezes que tive de me ausentar do nosso lar, pois foi preciso, tinha que buscar conhecimentos teóricos e também por um objetivo em comum.

À minha guerreira mãe Elizabete e a minha amada avó Aurelina, às minhas amadas irmãs, em especial Leidjane, e aos meus irmãos, e a todos que fazem parte da minha vida.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é estudar a forma que as crianças percebem a realidade e como elas representam essa realidade, por meio dos desenhos. Para isso, analiso e interpreto a visão que crianças moradoras da comunidade do Engenho de Baixo (São Francisco do Conde / BA) têm da sua comunidade. Particularmente, investigo através de desenhos elaborados pelas crianças seus gostos e desejos em relação à comunidade em que moram. Os desenhos foram produzidos numa oficina na casa de Alice, uma das crianças que participou da oficina. A oficina foi desenvolvida com três crianças; no início da oficina fiz duas perguntas para as crianças; a primeira, se elas gostavam de morar no Engenho de Baixo; e a segunda, se elas pudessem mudar alguma coisa na comunidade, o que elas mudariam? Depois que as crianças concluíram os desenhos, pedi que elas explicassem o que tinham desenhado. Através deste trabalho, aprendi como se desenvolve uma pesquisa com desenhos infantis, e como os desenhos estão presentes no momento de socialização e também na aprendizagem. Por meio dos desenhos, as crianças explicam e representam seu mundo. Os desenhos são uma forma de linguagem infantil em que as crianças expressam suas emoções e pensamentos.

Palavras-chave: Crianças - Linguagem. Desenho infantil - Engenho de Baixo (São Francisco do Conde, BA) - Aspectos sociais. Representação mental em crianças - Engenho de Baixo (São Francisco do Conde, BA).

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es estudiar la forma en que niños y niñas perciben la realidad y cómo representan esa realidad, por medio de dibujos. Para tal, analizo e interpreto la visión que niños residentes en la comunidad de Engenho de Baixo (São Francisco do Conde / BA) tienen de su comunidad. Particularmente, investigo a través de dibujos elaborados por niños sus gustos y deseos en relación a la comunidad en la que viven. Los dibujos fueron producidos en un taller en casa de Alice, una de las niñas que participó en el taller. El taller se desarrolló con tres niñas; al inicio del taller les hice dos preguntas; la primera, se les gusta vivir en el Engenho de Baixo; y la segunda, si pudiesen cambiar algo en la comunidad, ¿qué cambiarían? Después de que las niñas concluyesen los dibujos, les pedí que explicasen lo que habían dibujado. A través de este trabajo, aprendí cómo se desarrolla una investigación con dibujos infantiles, y cómo los dibujos están presentes en el momento de la socialización y también en el aprendizaje. Por medio de los dibujos, las niñas explican y representan su mundo. Los dibujos son una forma de lenguaje infantil en el que las niñas y niños expresan sus emociones y pensamientos.

Palabras-clave: Dibujo infantil - Engenho de Baixo (São Francisco do Conde, BA) - Aspectos sociales. Niños - Idioma. Representación mental en niños - Engenho de Baixo (São Francisco do Conde, BA).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Vista aérea do Engenho de Baixo	19
Figura 2	Vista frontal do Engenho de Baixo	20
Figura 3	A Baía de Todos os Santos no Engenho de Baixo	21
Figura 4	Vista aérea das casas do Engenho de Baixo	22
Figura 5	Igreja de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do Engenho de Baixo	25
Figura 6	Foliões do bloco <i>Ki Mistura</i>	26
Figura 7	Bloco <i>Ki Mistura</i> nas ruas do Engenho de Baixo	27
Figura 8	Desenho do parquinho feito por Lavínia	31
Figura 9	Desenho da escola feito por Alice	32
Figura 10	Escola Anísio Teixeira, na localidade do Engenho de Baixo	33
Figura 11	Desenho do parquinho feito por Alice	34
Figura 12	Desenho da igreja feito por Manuela	35
Figura 13	Desenho da escola feito por Manuela	36
Figura 14	Igreja Assembleia de Deus no Engenho de Baixo	37
Figura 15	Desenho da escola feito por Manuela	38

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	OBJETIVOS E PERGUNTAS DE PESQUISA	13
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA: A PESQUISA COM CRIANÇAS ATRAVÉS DE DESENHOS	13
3.1	O CONTEXTO DE PESQUISA	18
3.2	COMO FOI FEITO ESTE ESTUDO	28
4	O ENGENHO DE BAIXO NA VISÃO DAS CRIANÇAS - DESENHOS	30
5	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	38
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
	REFERÊNCIAS	41
	APÊNDICE	44

1 INTRODUÇÃO

Sou Cristina Silva dos Santos, estudante do curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras do Campus dos Malês (IHL-Malês) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Tenho quatro filhos: três meninos e uma menina. Convivo com meu companheiro, ao qual só imensamente grata, há mais de dezessete anos.

Sou natural de Nazaré das Farinhas (Bahia), mas moro há mais de 26 anos em São Francisco do Conde, particularmente no distrito do Engenho de Baixo / Ferrolho. Filha de Elizabeth e irmã de nove irmãos, sendo quatro irmãos e cinco irmãs, passei grandes dificuldades na infância e na adolescência por não ter pai. Fui criada pela minha mãe, a qual exerceu, simultaneamente, o papel de pai e mãe.

Minha vida escolar foi fracionada: fui à escola pela primeira vez aos 11 anos, não fui alfabetizada na escola, aprendi a ler e escrever sozinha. Quando cheguei à escola, já sabia ler e escrever. Por esse motivo, a professora, a qual era também diretora da escola, me colocou na segunda série (que hoje é o terceiro ano do ensino fundamental). Concluí os estudos fazendo ensino supletivo. Isso tornou minha aprendizagem bem resumida, mas não me impediu de ingressar na universidade.

Mesmo com todas as dificuldades que enfrentei desde quando entrei na universidade, busquei cada vez mais aperfeiçoar os meus conhecimentos enquanto discente. Decidi pesquisar sobre o tema deste Trabalho de Conclusão de Curso porque gosto muito do lugar onde vivo. Foi nesse lugar que passei o final da minha infância e adolescência, foi nele onde construí a minha família: o Engenho de Baixo é um lugar tranquilo, além de ser belíssimo, sem violência, na verdade chega ser um lugar pacato, mais eu gosto muito. Esse é o motivo de ter escolhido o Engenho de Baixo. Escolhi falar sobre o Engenho de Baixo a partir da visão de crianças porque gosto muito da minha comunidade e por isso quero analisar através de desenhos como elas veem o lugar onde elas vivem e como elas gostariam de mudar sua comunidade.

Logo após ter completado 30 anos, acordei um dia pensando que já tinha chegado aos trinta e não tinha realizado um dos meus maiores sonhos, que era ter uma graduação. Não tinha decidido qual o curso que gostaria de fazer. Sabia que era na área da educação, pois eu já tinha um pouco de experiência nessa área por ter trabalhado por doze anos em uma escola pública, a escola Anísio Teixeira, que fica localizada no Engenho de Baixo.

Iniciei trabalhando nessa escola como auxiliar de serviços gerais, cargo que exerci por oito anos. Depois atuei como auxiliar de disciplina, por quatro anos. Durante esses anos, pude me aproximar mais das crianças. Não que quando ocupava o cargo de auxiliar de serviços gerais não tivesse aproximação com as crianças, mas como auxiliar de disciplina pude dividir uma sala de aula com uma professora, o que me possibilitou um conhecimento melhor como educadora dos níveis infantil e fundamental.

O trabalho em sala fez com que tivesse mais experiência e me fez acreditar na possibilidade de prestar o ENEM. Foi por isso que, durante todo o tempo que trabalhei na escola, estudei com muito esmero e dedicação para completar o segundo grau. O contrato acabou e fiquei desempregada. Foi aí que os meus pensamentos de voltar a estudar vieram mais fortes. No ano de 2013, finalmente prestei o exame. Fiquei muito feliz por ter tirado uma pontuação significativa, pelo fato de eu não ter me preparado especificamente para prestar o ENEM.

Pedi para me inscrever no Sistema de Seleção Unificada – SISU. Tinha feito a inscrição para o curso de Pedagogia e mais dois cursos que não me recordo no momento, mas eram em duas universidades de Salvador. Também tinha feito a inscrição na UNILAB. Não consegui passar em nenhuma das duas universidades de Salvador, mas fiquei com a perspectiva de conseguir vaga na UNILAB.

Passados alguns dias, minha irmã Leidjane entrou em contato comigo me informando que meu nome tinha saído na lista da UNILAB e que era para eu comparecer à instituição para fazer a matrícula. Quando eu recebi a ligação da minha irmã me informando que eu tinha passado na UNILAB, comemorei muito. No dia seguinte, me dirigi à universidade e fiz a minha matrícula.

No início do curso passei por grandes dificuldades: primeiro, pela falta de transporte, pelo fato de não ter muitos alunos dos distritos não havia o carro para a locomoção dos alunos até a universidade, por esse motivo faltei muitas aulas no início do curso, fiquei mais de duas semanas sem frequentar as aulas. Após duas semanas que já tinha iniciado o trimestre, resolvi assistir à primeira aula. Tive que dormir em São Francisco na casa de uma conhecida que era sogra de minha irmã. Assisti essa primeira aula e expliquei aos professores os motivos de eu não ter assistido às aulas. Após a noite dessa primeira aula, tive muita dificuldade para retornar às outras aulas.

Naquela noite, conheci uma colega que estava passando pela mesma dificuldade para ir às aulas, então ela me falou como ela estava fazendo para assistir às aulas: ela estava pegando

carona no ônibus escolar dos alunos do ensino médio do colégio Martinho Salles em São Francisco, que, na época, passava às 21:40. Teríamos que sair antes das 21:40 porque poderíamos perder o ônibus e não teríamos como chegar em Candeias — para chegar ao meu distrito, é necessário fazer baldeação nesse município. Eu chegava em Candeias às 22:10 e esperava lá até 23:50, isso quando não ocorria nenhum imprevisto pelo caminho.

Esse esquema se repetiu por uns três trimestres até que comecei a usar o transporte dos estudantes do pré-Enem, que é também transporte dos estudantes da UNILAB. Em decorrência de uma greve da UNILAB no Ceará que também foi aderida pela UNILAB na Bahia, me vi impossibilitada de concluir o segundo trimestre.

Enfrento até hoje essas dificuldades, pois continuo fazendo transbordo em Candeias para chegar em minha comunidade. O roteiro inicia às 16:30, horário que saio da minha casa. O trajeto passa pelos bairros de Muribeca, Santo Estevão, Caípe de Cima, Caípe de Baixo, Socorro, Monte Recôncavo até chegar no Campus dos Malês. No retorno, esse roteiro sofre uma alteração: o ônibus passa também pelos bairros de Paramirim e Coroado.

Venho convivendo com esse roteiro há quase quatro anos. Por muitas vezes cheguei a pensar em desistir mas os meus objetivos são maiores que as dificuldades enfrentadas pelo longo caminho. Enfrento toda essa dificuldade para poder concluir meu curso e poder ter minha licenciatura, o qual será muito gratificante para mim e para a minha família e amigos.

Estou há mais de seis anos desempregada: venho me virando como posso para sobreviver, seja fazendo bolos, ornamentando festas há mais de quatro anos, etc. No início, as encomendas eram mais frequentes do que hoje. Faço reparos em roupas como colocar zíper, apertar, fazer bainha de calça, customizar blusas, como, por exemplo, abadá, etc.

O que me fez voltar a estudar e a enfrentar a rotina de uma sala de aula juntamente com as noites que passei estudando, além do meu sonho de ter uma graduação, foi servir como incentivo para os meus filhos: hoje, a minha filha Gabriela está cursando o sexto semestre de Pedagogia, e meus outros filhos já falam em fazer uma universidade!

2 OBJETIVOS E PERGUNTAS DE PESQUISA

OBJETIVO	PERGUNTA
Geral	
<ul style="list-style-type: none"> • Estudar a forma em que crianças percebem a realidade e a representam através de desenhos. 	<ul style="list-style-type: none"> • De que forma crianças percebem a realidade e a representam através de desenhos?
Específicos	
<ul style="list-style-type: none"> • Analisar e interpretar a visão que crianças moradoras da comunidade do Engenho de Baixo (São Francisco do Conde / BA) têm da sua comunidade. • Investigar, através de desenhos elaborados por crianças da comunidade do Engenho de Baixo, os seus gostos e desejos em relação à ela. 	<ul style="list-style-type: none"> • Como as crianças moradoras da comunidade do Engenho de Baixo (São Francisco do Conde / BA) veem a sua comunidade? • O que é que desenhos elaborados por crianças da comunidade do Engenho de Baixo nos dizem sobre os seus gostos e desejos em relação à ela.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA: A PESQUISA COM CRIANÇAS ATRAVÉS DE DESENHOS

As reflexões que coloco a seguir em relação ao desenho infantil foram construídas a partir da leitura de Gobbi (2012; 2014) e Amorim e Claro (2017).

Podemos perceber o quanto os desenhos estão presentes no momento de socialização e também na aprendizagem das crianças. Quando a criança traça algo no papel, geralmente não tem sentido nenhum para o adulto, como afirma Gobbi (2012), mas esses desenhos são bastante relevantes para o desenvolvimento dessas crianças, por isso o incentivo é importante.

No entanto, cada criança tem sua particularidade na hora de experimentar ideias, emoções e pensamentos. Cada criança representa o mundo quando se expressa através dos desenhos, no momento em que brinca, etc. Isso possibilita as relações que as crianças estabelecem com o outro e também com o meio em que vivem.

Para os pesquisadores estudados para a elaboração desta seção, o desenho é uma forma em que a criança se comunica e expressa seus sentimentos. A prática de desenhar é considerada como uma prática de socialização, sendo suporte de representações sociais. É por esses motivos que os desenhos são usados como fontes documentais de dados por parte de pesquisadores.

No seu papel cultural e histórico, o desenho não é apenas um instrumento gerador de encantamento nos adultos, conforme afirma Gobbi (2014). O desenho é fruto de um processo de criação em que ele se articula com outras formas expressivas do ser humano. O pesquisador precisa procurar junto às crianças com as quais desenhou, a narrativa das crianças em relação aos seus desenhos.

Podemos perceber nos desenhos infantis que eles são criações nas quais as crianças fazem relações com a sua cultura e história. Os desenhos constituídos pelas crianças são construções que podem ser considerados discursos nos quais as crianças estabelecem questionamentos sobre questões culturais e históricas ditas como oficiais ou superiores. Quando os adultos tratam de compreender o que as crianças manifestam nos seus desenhos, eles tratam de compreender outra forma de falar, que representa a sociedade.

Os desenhos feitos pelas crianças permitem-nos conhecer vários elementos da sociedade no geral. Para melhor compreender esses desenhos, os adultos precisam de ouvir a interpretação que as crianças fazem das suas representações particulares, não esquecendo de que elas estarão pautadas em uma sistema de capacidade de criação. Os desenhos apresentam várias marcas e formas de expor diferentes assuntos que estão presentes no seu cotidiano.

A melhor maneira de se compreender um desenho é ver calmamente, observar, escrever, tornar a observar, para depois entrar em contato com aquilo que o desenho expressa e manifesta. As experiências das crianças que envolvem o ato de desenhar instigam a criança e a levam ao conhecimento de expressões e a investigações pessoais e também coletivas nas quais as crianças se interrogam e descobrem relações com o outro e outros aspectos presentes na sociedade.

Em seguida, exporei as orientações de Natividade, Coutinho e Zanella (2008) e Goldberg e Frota (2017) sobre por que e como se fazer pesquisa com crianças através de desenhos infantis.

A partir da perspectiva histórico-cultural em Psicologia, Natividade, Coutinho e Zanella (2008) afirmam que o desenho infantil é uma forma de linguagem. Fundamentados nas teorias de Vygotsky, os pesquisadores afirmam que no desenho se reflete o conhecimento da realidade da criança, sendo que tal conhecimento é constituído por meio da palavra. Com base em Vygotski também, argumentam que o desenvolvimento do desenho infantil é mediado pela linguagem verbal.

Por ser uma forma de linguagem, o desenho desempenha uma função central para o desenvolvimento da capacidade semiótica da criança. O desenho para a criança, é tão linguagem como o gesto e a fala, constituindo sua primeira forma de escrita: “A criança desenha para falar e poder registrar sua fala. Para escrever. O desenho é sua primeira escrita. Para deixar sua marca, antes de aprender a escrever, a criança se serve do desenho” (MOREIRA, 2009, apud GOLDBERG; FROTA, 2017, p. 176).

Segundo os autores Derdyk (1989), Ferreira (2008) e Gobbi (2005), na leitura de Goldberg e Frota (2017), o desenho é um meio privilegiado em que a criança expressa suas ideias, emoções e vontades. A criança expressa através da arte a capacidade criativa. A arte é o canal fundamental de expressão da criança, pois nela a criança tem a liberdade para produzir seus sentimentos, o que pensa, a ótica e a percepção do mundo ao seu redor.

A importância do canal no qual é expressada a capacidade de representação da criança reside no fato dela desenvolver através dele o emocional, o psicológico, o cognitivo, o sociocultural no meio em que vive. O desenho é defendido como forma de acesso aos símbolos criados pela criança, pois o acesso a esses símbolos pode ser diferente na expressividade da oralidade. Esse acesso possibilitado pelo desenho é de suma importância para a criança compartilhar as experiências acumuladas. Contudo, Silva (1998, apud NATIVIDADE; COUTINHO; ZANELLA, 2008, p. 16) constata que “a fala organiza o desenho” mas que também “o desenho organiza a fala”. Portanto, esse processo é criado de modo dialético/argumentativo.

Quando se discute sobre desenho infantil, deve-se pensar a respeito da linguagem imaginária e intuitiva compreendida no processo psicológico criado pelo desenvolvimento de desenhar. Portanto, esse processo não pode ser observado de modo isolado. Como esse processo é desenvolvido no âmbito das condições sociais, culturais e históricas em que a criança está inserida, o desenho infantil é reflexo da sociedade e do contexto histórico e cultural no qual a criança está introduzida.

Dermatini (2002, apud GOLDBERG; FROTA, 2017) traz a importância da pesquisa através dos desenhos infantis para as crianças poderem falar e termos acesso aos seus significados, pois, segundo ele, os relatos sobre as crianças são muito mais corriqueiros do que os relatos das próprias crianças. Por sua vez, Leite (2008, apud GOLDBERG; FROTA, 2017) pontua que a pesquisa com crianças vem aumentando há muitos anos mas que precisamos de mais reflexão e mais discussões realçando a importância dos relatos das crianças, levando em conta a expressão artística privilegiada e particular das mesmas.

Não é habitual o uso de entrevistas com crianças, é isso que mostra a literatura. Carvalho et al. (2004) diz que é porque geralmente se pensa que a criança não tem condições de falar sobre suas próprias escolhas e opções.

No entanto, a pesquisa com crianças no momento procura um novo olhar direcionado à infância e nela se defende que precisamos ouvi-las e percebê-las como seres eficientes e produtores de cultura. Através da Sociologia e da Antropologia da Infância fica evidente a necessidade de ouvir a criança dentro do contexto existencial, quebrando as normas impostas pelos adultos, ouvindo e valorizando a cultura da criança, portanto o desenho infantil caracteriza um instrumento valioso na demonstração do ponto de vista da criança. Gobbi (2002, apud GOLDBERG; FROTA, 2017) enfatiza que os desenhos das crianças ligam a oralidade com a melhor maneira de favorecer as expressões infantis.

Para se comunicar com os outros, a criança faz uso de variadas formas de expressão como, por exemplo, os gestos e as imagens, os desenhos e também as palavras, que nem sempre são compreendidas pelas pessoas que não fazem parte do seu cotidiano. É relevante considerar que durante o processo de criação de desenhos como parte de um processo de pesquisa, se faz necessário o olhar entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa, pois o desenho produzido pela criança somente pode ser compreendido através da explicação de forma verbalizada da própria criança sobre o que foi criado (FERREIRA, 2001, apud NATIVIDADE; COUTINHO; ZANELLA, 2008). Fazer leitura de um desenho infantil não é algo simples, se faz necessário um interpretação e o auxílio da palavra. Ferreira (2001, apud NATIVIDADE; COUTINHO; ZANELLA, 2008) afirma que o desenho infantil traz informações preciosas sobre os significados que são divididos socialmente, aspectos relevantes a respeito da observação que a oralidade traz para o pesquisador, mesmo que muitas vezes essas criações tragam situações nas quais essas informações não possam ser identificadas facilmente, requerendo do pesquisador uma leitura mas profundada.

A seguir, elenco alguns trabalhos que guardam semelhanças do ponto de vista metodológico com o meu trabalho por serem pesquisas que trabalham com crianças através dos seus desenhos.

Em pesquisa realizada no Portal de Periódicos da CAPES, foram identificados diversos trabalhos de pesquisa que foram realizados através de desenhos infantis. As principais áreas nas quais se desenvolvem pesquisas através de desenhos infantis são a Psicologia e a Pedagogia, porém, também há trabalhos em áreas como Música, Enfermagem, Geografia, etc.

Na área de Psicologia, se destacam: Grubits (2003), que pesquisou a representação e os significados da casa a partir de desenhos de crianças indígenas e de comunidades de periferia; Araújo e Fernandes (2015), que investigaram a aplicação da prova de avaliação psicológica intelectual do Desenho da Figura Humana de Goodenough em crianças angolanas; Tardivo (2017), sobre o Desenho da Figura Humana em vítimas de violência doméstica. Já Natividade e Coutinho (2012) investigam os sentidos que crianças atribuem ao trabalho, dentro das relações do contexto de vida corriqueira e do mundo contemporâneo. Prudenciatti, Tavano e Neme (2013) identificam as vivências de crianças que foram indicadas para algumas cirurgias reparadoras de malformações craniofaciais, e para terem acesso a essas vivências os pesquisadores utilizaram como instrumentos os desenhos de crianças. Ainda na área da Psicologia, se destacam textos como o de Silva (2010), que reflete sobre o atendimento psicológico para crianças e usa o desenho como forma de expressão que facilita a comunicação das crianças com equipes de saúde.

Na área de Pedagogia, se destacam: Escudeiro, Barbosa e Silva (2016), sobre sequências didáticas utilizadas no desenvolvimento do desenho de crianças na faixa etária de 3 a 4 anos, na Educação Infantil da rede pública em Araraquara/SP; Oleques (2016) sobre aspectos do desenvolvimento de desenho e escrita por crianças com Síndrome de Down frequentadores da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais; Silva e Souza (2011) trazem o desenho como um motivador no desenvolvimento individual e social, assim como na aprendizagem da linguagem por parte da criança, e por meio do desenho a criança dialoga através do imaginário, no entanto, o objetivo das pesquisadoras é a compreensão de como a imaginação e a linguagem atuam através do desenho de crianças, e se há ou não influência do desenho no desenvolvimento psicológico social e cognitivo das crianças.

Ainda na área de Educação, Tietze e Castanho (2016) investigam através de desenhos infantis os significados de programas de educação integral para crianças. Oliveira (2014) pesquisa a relação de crianças com patrimônio cultural, em atividades escolares, através de desenhos.

Na área da Música se destaca Pacheco (2007), que faz um estudo sobre a percepção musical e o desenvolvimento do desenho infantil como dados de algumas experiências realizadas com crianças no Paraná. Na Geografia, Santos (2016) apresenta uma pesquisa com crianças da Baixada Fluminense sobre como elas representam o lugar onde moram e os seus conflitos.

Na Enfermagem se destacam Cavalcanti, Suruagy e Mello (2019), que investigam os significados da neoplasia em desenhos de adolescentes que têm essa enfermidade.

Por fim, na área de Semiótica e Estudos do Discurso, Scareli e Da Silva Gava (2016) examinam a relação entre desenhos produzidos por crianças do terceiro e quarto ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Aracaju/SE e as possíveis influências da mídia e da indústria cultural nesses desenhos.

3.1 O CONTEXTO DE PESQUISA

O Engenho de Baixo era originalmente uma fazenda, mas com o passar do tempo, a propriedade foi crescendo e ela passou a ser distrito de São Francisco do conde. Hoje, ela é um bairro do município. O Engenho de Baixo fica localizado a cerca de 22 quilômetros da sede. Segundo o censo do IBGE de 2015, à que tive acesso no posto de saúde da comunidade, o número de habitantes é de 809 pessoas. Na sua geografia, possui montes, ladeiras e é cercado de vegetações, possuindo uma paisagem belíssima. A economia vem da pesca, do comércio local, da indústria (principalmente refinarias) e da Prefeitura.

Seguem abaixo algumas imagens atuais do Engenho de Baixo:

Figura 1 - Vista aérea do Engenho de Baixo



Fonte: Miler Aguiar, 2019.

Figura 2 - Vista frontal do Engenho de Baixo



Fonte: Miler Aguiar, 2019.

Figura 3 - A Baía de Todos os Santos no Engenho de Baixo



Fonte: Miler Aguiar, 2019.

Figura 4 - Vista aérea das casas do Engenho de Baixo



Fonte: Miler Aguiar, 2019.

Na sua infraestrutura, a comunidade possui um posto médico (Posto de Saúde da Família - PSF), uma escola de educação infantil e de ensino fundamental, a escola Anísio Teixeira, uma casa de pesca que funciona para que os pescadores coloquem suas mercadorias (peixes, mariscos e outros) e os materiais usados para a pesca, etc. A comunidade possui também um clube comunitário, com uma área de lazer com uma praça, um parquinho, uma academia ao ar livre, alguns quiosques localizados na praça, uma lanchonete, uma pizzaria, três bares. O Engenho de Baixo possui saneamentos básicos como esgoto, água encanada, fornecimento de energia elétrica, internet, sendo que a maioria das pessoas possui acesso à internet por meio de celular ou computador, tablete e outros.

Uma das responsáveis pela gestão do posto de saúde, que é a minha irmã, informa que em relação à população, houve mudanças no que diz respeito ao número de nascimentos e ao número de mortes. Dos nascimentos, houve uma diminuição bastante expressiva. Já em relação a mortes, houve um aumento: ao longo dos últimos 10 anos, aproximadamente, a população

tem diminuído, com o falecimento de idosos. Essa situação era diferente se a compararmos a 20 anos atrás, pois, naquela altura, o número de pessoas mais velhas era quase a maioria. Hoje essa porcentagem se inverteu: há mais jovens do que pessoas idosas. Os moradores com mais de 70 anos representam apenas 3% da população; os adultos representam 36%; os adolescentes representam 40%, e o restante são crianças.

As informações que exponho a seguir foram coletadas em conversa com Dona Eulina Damiana Santos da Anunciação, de 84 anos. A conversa teve lugar na segunda metade do mês de fevereiro de 2019. Dona Eulina é uma das anciãs de mais idade do Engenho de Baixo. Casada com Seu João Plácido da Anunciação, mãe de três filhos, avó de oito netos e bisavó de quatro bisnetos, foi professora por nove anos, embora desempenhasse essa profissão na informalidade. Segundo Dona Eulina, na época a Prefeitura não assinou a carteira para ela. A Prefeitura selecionava algumas pessoas com maior conhecimento para aulas de reforço escolar, que ela ministrava na sua própria residência. Antes de exercer essa profissão, Dona Eulina era dona de casa, atividade que ela exerce até a atualidade. Dona Eulina é uma pessoa muito importante para a comunidade e é respeitada por todos.

Seguem as informações que a Dona Eulina forneceu sobre a história do Engenho de Baixo:

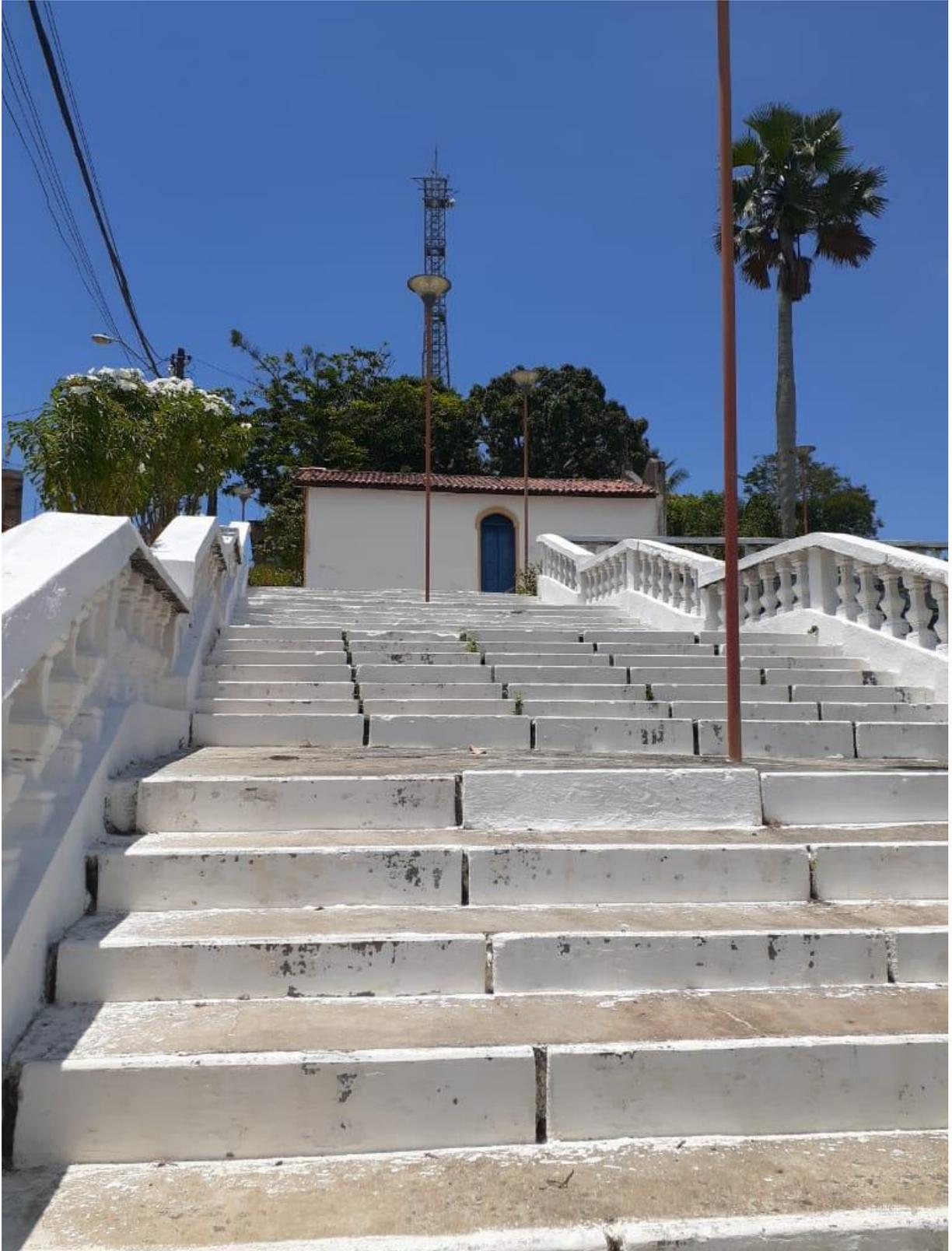
O primeiro dono do Engenho de Baixo chamava-se Virgílio, que passou a propriedade para seu filho Tibúrcio. Este mais tarde vendeu o Engenho ao senhor Agnelo. Todos eles já faleceram. Os primeiros moradores da terra foram os familiares dos mesmos, que com o passar do tempo iriam se casando com seus próprios parentes (primos, cunhados, etc.), surgindo assim novas gerações e aumentando a população. Os pais foram cedendo lotes de terra para seus filhos e netos e assim sucessivamente. O atual dono da terra chama-se Agnelinho. Ele começou a vender pequenos e grandes sítios, recebendo como forma de pagamento os próprios produtos (por exemplo: aipim, quiabo, jaca, banana e outros), plantados e colhidos nos próprios sítios pelos compradores.

Tinha pessoas que compravam áreas maiores, de mais de “duas ou três tarefas de terras”, nas palavras da anciã. O pagamento nesses casos se dava da mesma maneira: os moradores que compravam os sítios maiores pagavam com os produtos que colhiam neles e também faziam o pagamento em dinheiro. Eles recebiam um recibo que era assinado pelo próprio dono Agnelinho, que era uma forma de promissória da compra. As pessoas que compravam os sítios pequenos não recebiam essas promissórias.

Hoje em dia, uma pessoa que compra um sítio em qualquer lugar do Engenho não recebe um documento do dono original: a pessoa que já adquiriu um terreno dele, faz um documento de compra e venda registrado em cartório para garantir que a venda é legal e poder passar adiante.

No referente às tradições, antigamente havia festejos em prol da padroeira do Engenho de Baixo, Nossa Senhora da Conceição. Estes festejos iniciavam com a lavagem das escadarias da igreja (na figura 5 abaixo). Na semana seguinte, tinha lugar a missa seguida da procissão e da toalha (momento em que um grupo de pessoas saía pela rua tocando instrumentos e cantando músicas, como uma fanfara, para angariar recursos para a igreja, que as pessoas jogavam na toalha, ao seu passo), que acontecia no sábado durante o dia, enquanto à noite, ocorria o baile com grupos de serestas. No domingo, continuavam os festejos com mais grupos e bandas de música. Esses festejos aconteciam por intermédio da comunidade, que arrecadava dinheiro fazendo quermesses, fazendo arrecadação de dinheiro por meio de cartas (cada família recebia um envelope e contribuía com o valor que podia; depois, esses envelopes eram entregues aos responsáveis pelos festejos, que organizavam tanto as festas, tanto o lado religioso como o lado profano).

Figura 5 - Igreja de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do Engenho de Baixo



Fonte: Gabriela dos Santos de Oliveira (2020).

Esses festejos têm hoje outras datas. Enquanto antes aconteciam no final do mês de janeiro, hoje a missa e a procissão acontecem no dia 5 de dezembro. Essas tradições, com o passar dos anos, foram se acabando: Hoje, o que ficou desses festejos é a missa, que é seguida da procissão e da toalha. Os mais novos não estão perpetuando essas práticas, não têm interesse em repassar essas tradições que foram passadas de pais para filhos.

No final de janeiro, o que ocorre é o desfile do bloco *Ki Mistura*, que é um bloco de homens travestidos de mulheres e mulheres travestidas de homens. Esse bloco existe há mais de 20 anos. O bloco *Ki Mistura* surgiu de uma brincadeira entre amigos que resolveram se travestir de mulheres e sair logo após a toalha. Hoje essas festividades ocorrem em momentos diferentes. Seguem algumas fotos do bloco *Ki Mistura*, na edição de 2019.

Figura 6 - Foliões do bloco *Ki Mistura*



Fonte: Fotografia da autora (2019).

Figura 7 - Bloco *Ki Mistura* nas ruas do Engenho de Baixo



Fonte: Fotografia da autora (2019).

Durante o carnaval, as pessoas do Engenho de Baixo se reúnem para elaboração de fantasias e disputam para escolher a melhor delas, a mais bonita, a mais criativa, a mais engraçada, a mais alegre. A disputa se dá por meio de uma votação onde pessoas da Prefeitura avaliam as fantasias e decidem a melhor fantasia. Isso se tornou mais uma tradição da comunidade. As tradições mudam, se transformam, e novas tradições são criadas.

3.2 COMO FOI FEITO ESTE ESTUDO

Este estudo foi desenvolvido com três crianças. Escolhi essas três crianças porque são minhas sobrinhas e por eu ter mais contato com elas do que com outras crianças. Pensei também na questão de que teria que explicar o trabalho e assim seria mais fácil. Desenvolvi o trabalho através de oficinas, realizadas no dia 27 de março de 2019, na varanda da casa da minha irmã Cristiane, no Engenho de Baixo.

Quando decidi fazer o trabalho de campo em forma de oficinas, entrei em contato com a minha irmã Cristiane, mãe da minha sobrinha Alice. Perguntei a ela se poderia realizar algumas oficinas com a sua filha e lhe expliquei que seria para o meu Trabalho de Conclusão de Curso – TCC. Expliquei a ela também que levaria um documento para ela assinar, o TCLE, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo I). Depois, conversei com a minha irmã Leidjane, mãe de Lavínia, e com Luciene, a mãe de Manuela. Conversei também com os pais das crianças, embora os TCLEs fossem assinados somente pelas mães.

Antes de iniciar a primeira oficina — para ser mais precisa, um mês antes —, perguntei às crianças se elas fariam alguns desenhos para mim. Expliquei a elas que seria para um trabalho da minha universidade. Elas disseram que sim, que fariam os desenhos. Pedi para elas que caprichassem nos desenhos. Desde o momento que perguntei se elas fariam os desenhos para mim, as crianças ficaram ansiosas para desenhar e sempre que me viam perguntavam quando seria o dia que eu iria fazer a oficina de desenho com elas.

Passou-se em torno de um mês e, no dia 27 de março, realizei a primeira oficina com as crianças. Essa oficina ocorreu depois que as crianças tinham chegado do aniversário de uma prima de Alice e de Manuela, que tinha acontecido na escola, e logo antes de irem para igreja, particularmente para a igreja que frequentam, a igreja evangélica da Assembleia de Deus.

A oficina aconteceu na casa de Alice e começou por volta das 17 horas. Antes de dar início à oficina, arrumei a mesa com os materiais que eu tinha levado (canetas azuis, hidrocor, cola, papéis de ofícios, tintas, pincéis) e com outros materiais das próprias crianças (lápiz de escrever e borrachas e alguns lápis de cor). Logo após ter arrumado os materiais, convidei as crianças para sentarem à mesa. No início da oficina, primeiro fiz duas perguntas para as crianças. A primeira pergunta que fiz foi se elas gostavam de morar no Engenho de Baixo e a segunda se elas pudessem mudar alguma coisa na comunidade o que elas mudariam.

Feitas as perguntas, propus a elas que desenhassem aquilo que elas mais gostam da comunidade. Alice foi logo gritando que gostava da escola. Já Manuela gritou que iria desenhar

a igreja e Lavínia iria desenhar o parquinho da pracinha. Assim que elas começaram a desenhar, deixei-as bem à vontade, me afastei um pouco, mas observando. As crianças ficaram bem focadas enquanto desenhavam. A primeira criança a concluir o desenho foi Manuela, logo Alice e, por último, Lavínia. Então pedi que escolhessem a cor do lápis com que gostariam de colorir o desenho. Cada uma escolheu a sua cor desejada para colorir o seu desenho. Sempre quando alguma delas queria trocar de cor de lápis e aquela cor específica estava sendo usada por outra criança, elas inicialmente queriam tomar da mão da colega. Eu, porém, sugeri para elas que fizessem a troca umas com as outras e, assim, elas continuaram a colorir os desenhos.

Quando as crianças terminaram de pintar o primeiro desenho, perguntei para elas se gostariam de fazer mais um desenho. Elas responderam que sim. A seguir, perguntei o que elas gostariam que melhorasse na comunidade. Manuela respondeu que gostaria que a escola melhorasse. Alice respondeu que gostaria que o parquinho melhorasse. Já Lavínia não quis mais desenhar, então respeitei sua decisão, mas ela prometeu que iria fazer outro desenho para mim só que não iria fazer mais porque estava com preguiça. Alice e Manuela permaneceram sentadas demonstrando bastante entusiasmo para fazer o novo desenho, então pedi que elas desenhassem o parquinho e a escola como elas gostariam que fosse, e o que elas mudariam. Quando as crianças começaram a desenhar, segui a mesma estratégia do primeiro desenho: me afastei um pouco da mesa, mas não deixei de observá-las, enquanto a Lavínia se dispersou e foi brincar. Assim que as meninas terminaram o segundo desenho, pedi que elas o pintassem, assim como tinham feito com o primeiro. Manuela terminou de pintar e pediu para lanchar e Alice continuou pintando por mais alguns minutos, para ser mais precisa, por mais dez minutos. Quando Alice terminou de pintar seu desenho, também pediu para ir lanchar.

Enquanto as duas crianças estavam lanchando, organizei a mesa, deixando somente os desenhos sobre ela. A primeira criança a retornar à mesa foi Manuela. Pedi que explicasse os seus desenhos. Manuela explicou seus desenhos, por que ela tinha escolhido a igreja no primeiro desenho, e de que forma ela gostaria que fosse melhorada a sua escola, que ela tinha escolhido para o segundo desenho. Repeti o mesmo processo com a segunda criança, que foi Alice. Pedi que ela explicasse os seus desenhos, por que ela tinha escolhido a escola para o primeiro desenho e como ela gostaria que fosse o parquinho, que ela desenhou no segundo momento. Quando terminou a oficina, agradei às crianças e aos pais que estavam presentes, a mãe de Alice e o pai e a mãe de Manuela.

4 O ENGENHO DE BAIXO NA VISÃO DAS CRIANÇAS - DESENHOS

Nesta seção, incluo os desenhos produzidos pelas crianças e, logo após, o que elas falaram sobre eles. Na elaboração das transcrições, foi feita uma edição das falas devido à dificuldade de se fazer uma transcrição mais técnica e no intuito de favorecer a compreensão por parte dos leitores deste trabalho. Já que as gravações foram feitas no celular, tive dificuldade na hora de compreender algumas partes das gravações, até porque pela idade das crianças, elas ainda apresentam dificuldades para se fazer compreender. Assim, trechos incompreensíveis são marcados com ***.

Lavínia tem sete anos e cursa o primeiro ano do ensino fundamental na escola particular Joia de Cristo em Candeias. Filha de Leonardo, instrutor de tiro, e minha irmã Leidjane, gestora do posto médico da comunidade do Engenho de Baixo. O desenho de Lavínia foi o seguinte:

Figura 8 - Desenho do parquinho feito por Lavínia



Fonte: Elaborado em oficina de produção de desenhos, a 27/03/2019.

Como a Lavínia desistiu de elaborar um segundo desenho e não explicou nenhum dos dois, incluo o desenho, uma vez que ela participou da oficina, mas não o considerarei para a análise.

Alice tem cinco anos, estuda na escola Anísio Teixeira. O seu pai, Ubirajara, de 42 anos, é eletricista. Já a sua mãe, minha irmã Cristiane, de 38 anos e de religião evangélica, é manicure e pedicure. O primeiro desenho de Alice, representando a escola, foi o seguinte:

Figura 9 - Desenho da escola feito por Alice



Fonte: Elaborado em oficina de produção de desenhos, a 27/03/2019.

Em relação a esse desenho, Alice disse:

Isso é minha escola que eu gosto muito dela que eu fiz ela, porque eu amo ela, ela deus que fez ela, que eu amo muito ela, e eu vou dizer como ela é! Eu fiz muitas coisas pra fazer esse desenho, eu fiz o portão, fiz vermelho, azul, rosa, laranja, vermelho, amarelo, rosa mais escuro, azul fraco, rosa aqui, vermelho e uma árvore aqui, tem marrom *** e verde.

Segue a fotografia da fechada da escola representada no desenho de Alice:

Figura 10 - Escola Anísio Teixeira, na localidade do Engenho de Baixo



Fonte: Fotografia de Gabriela dos Santos de Oliveira (2020).

O segundo desenho de Alice, o parquinho, foi o desenho a seguir:

Figura 11 - Desenho do parquinho feito por Alice



Fonte: Elaborado em oficina de produção de desenhos, a 27/03/2019.

Em relação a esse desenho, Alice disse o seguinte:

Eu, meu... meu... minhas flores, um parquinho que eu queria mudar pra ele, porque queria mudar e eu coloquei todas aqui, é... é... fiz um balanço empurrando, aqui é um *** escorrega, aqui é outro escorrega e aqui é assim, abre aqui e abre e vem a casa aqui dentro, ai tem um tapete aqui e umas areias aqui.

Segue a fotografia do parquinho infantil representado no segundo desenho de Alice:

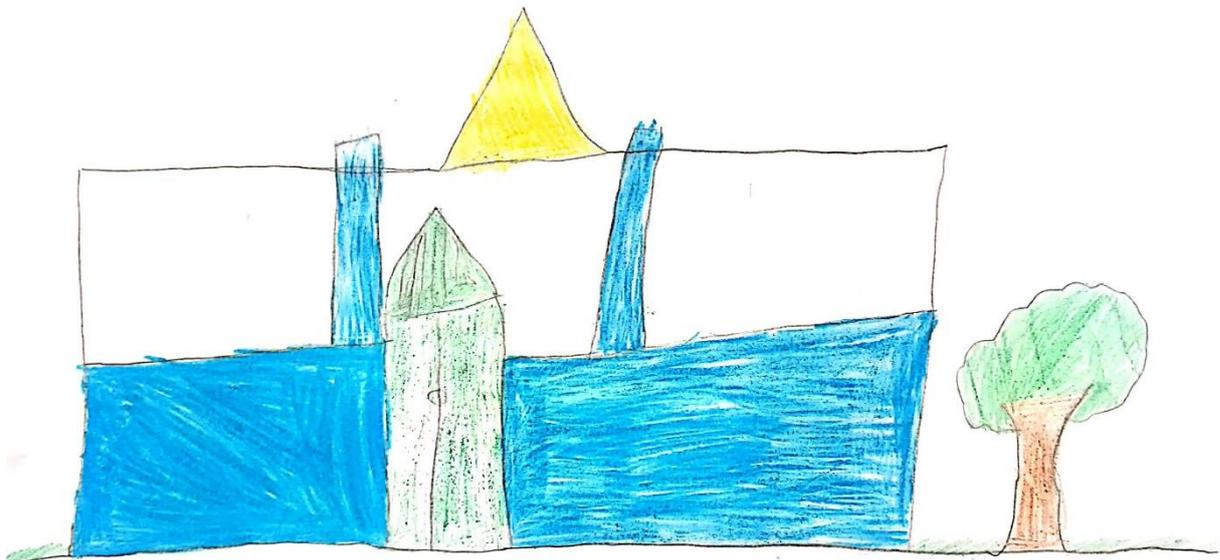
Figura 12 - Parquinho infantil na orla do Engenho de Baixo



Fonte: Fotografia de Gabriela dos Santos de Oliveira (2020).

Manuela tem sete anos e estuda na escola Anísio Teixeira, onde está fazendo o primeiro ano do ensino fundamental. Filha de Sérgio, auxiliar técnico de montagem, e Luciene. Ambos os dois são de religião evangélica, porém ela ocupa um cargo na igreja, sendo dirigente do círculo de oração, tesoureira e regente do grupo de senhoras. O primeiro desenho de Manuela foi a igreja, incluído a seguir:

Figura 13 - Desenho da igreja feito por Manuela



Fonte: Elaborado em oficina de produção de desenhos, a 27/03/2019.

Em relação a esse desenho, Manuela disse:

“Eu desenhei a igreja, eu desenhei a igreja porque... e é a igreja é o lugar que a gente ora e pede a papai do céu pra abençoar a nossa vida, e a igreja é um lugar que eu gosto no Engenho de Baixo, então por isso que eu desenhei ela”.

Segue a fotografia da igreja da Assembleia de Deus representada no primeiro desenho de Manuela:

Figura 14 - Igreja Assembleia de Deus no Engenho de Baixo



Fonte: Fotografia de Gabriela dos Santos de Oliveira (2020).

O segundo desenho de Manuela, a escola, foi o desenho a seguir:

Figura 15 - Desenho da escola feito por Manuela



Fonte: Elaborado em oficina de produção de desenhos, a 27/03/2019.

Em relação a esse desenho, Manuela disse o seguinte:

Eu desenhei a escola porque a escola é um lugar que a gente estuda e eu queria melhorar ela, tipo ali está as paredes então por isso que eu desenhei ela porque eu queria que ela ficasse de um modo mais bonita, mais criativa, então por isso que eu desenhei a escola.

A escola representada por Manuela no seu segundo desenho já apareceu ilustrada na figura 10.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Podemos observar nos desenhos que, mesmo sendo imaginários, apresentam traços de realidade. Toda representação, no fundo, sempre envolve semelhanças com a realidade mas também tem parte de imaginação.

Nos primeiros desenhos de Alice e Manuela (os desenhos daquilo que elas gostam na comunidade), que foram da escola e da igreja, a escola está representada pela fachada, uma árvore ao lado e o portão muito colorido que se assemelha com o real. O fato de a criança ter desenhado a árvore ao lado e não pela parte de dentro da escola (como ela se encontra de fato na realidade) pode ter ocorrido por conta da criança saber que a árvore foi plantada pelas próprias crianças ou pelo simples fato dela brincar perto da árvore. Isso mostra como a

experiência anterior (a história e a cultura da criança) é relevante na hora em que ela faz os seus desenhos.

No caso do desenho da igreja, a representação se dá pela fachada e o portão; as cores fazem semelhança com a realidade. Em relação às cores, a escolha das mesmas pode ter ocorrido pela seleção espontânea da criança ou pela lembrança que ela tem da escola, porque elas fizeram o desenho a partir da sua memória. Talvez a memória também tenha grande parte de imaginação.

Na segunda representação, que foram a escola e o parquinho (os desenhos daquilo que as crianças gostariam de mudar) é nítida a maior intensidade da imaginação das crianças, tanto na repetição dos elementos (como as flores na escola), como nas cores, que são mais vibrantes. Com isso, podemos ver que tanto nos primeiros desenhos quanto nos segundos houve muita criatividade por parte das crianças.

A presença das árvores e das flores (elementos repetidos nos desenhos) talvez esteja ligada ao fato das crianças terem uma aproximação maior com a natureza (o Engenho de Baixo é um lugar muito arborizado, cercado de mato e de água, portanto, de natureza) ou simplesmente sejam algo corriqueiro, isto é, talvez as crianças já tenham se acostumado a desenhar árvores e flores.

Todas as crianças têm sua particularidade na hora de expor sua criatividade e é através dos desenhos que elas veem o mundo e representam esse mundo.

Podemos observar também que o conteúdo dos desenhos, isto é, o parquinho, a escola e a igreja, são espaços de sociabilidade das crianças. A escola, o parquinho e a igreja são espaços onde as crianças socializam, ou seja, são espaços que possibilitam a sociabilidade das crianças com as outras crianças e com os pais e outros adultos, sendo assim, esses espaços estabelecem cultura e história para as crianças e é onde elas participam dessa cultura e dessa história.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa com desenhos de crianças foi de muita valia para mim e acredito que será para quem se interesse por pesquisas nessa área, pois através dela pude descobrir quais são as áreas que fazem trabalhos com desenhos infantis, como, por exemplo, a Pedagogia, a Psicologia e a Enfermagem. Talvez a área de Letras possa começar a pensar também nessa forma de linguagem infantil (os desenhos) e nessa forma de pesquisa (pesquisa através de desenhos).

Com os desenhos das crianças, pude perceber como elas são capazes de explicar e representar seu mundo. E também foi com os desenhos das crianças da minha comunidade do Engenho Baixo que percebi que elas são capazes de representar alguns espaços de socialização delas.

Durante a realização desse trabalho, tive algumas dificuldades no decorrer do caminho, mas confesso que foi muito gratificante. Aprendi como fazer pesquisa através de desenhos de crianças, pude conhecer mais sobre minha comunidade e sobre a visão das crianças em relação à realidade da comunidade do Engenho de Baixo. Aprendi como as crianças são capazes de representar seu mundo através dos desenhos.

Além disso, foi bastante prazerosa a pesquisa, as leituras dos textos que me ajudou e aumentou os meus conhecimentos em relação ao tema, sem falar na oficina com as crianças que foi uma delícia!

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Ana Patrícia de Oliveira; CLARO, Ana Lúcia de Araújo. (2017). A contribuição do desenho no desenvolvimento da criança na educação infantil: uma análise teórica. In: IV Seminário Internacional de Representações Sociais Subjetividade e Educação / VI Seminário Internacional Profissionalização Docente.
- ARAÚJO, Patrícia; FERNANDES, Rosina Inês. (2015). O Teste do Desenho da Figura Humana em Crianças Angolanas: Contribuições à Perspectiva da Psicologia Positiva. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Vol.35(3), pp. 855-869.
- CARIOLA, Teresa Corrêa. (2006). O desenho da figura humana de crianças com bruxismo. **Boletim de Psicologia**, Vol.56(124), pp. 37-52.
- CARVALHO, A.M.A.; BERALDO, K.E.A.; PEDROSA, M.I.; COELHO, M.T. (2004). O uso de entrevistas em estudos com crianças. **Psicologia em Estudo**, Vol. 9, pp. 291-300.
- CASTRO, Elisa Kern de; MORENO-JIMÉNEZ, Bernardo. (2010). Indicadores emocionais no desenho da figura humana de crianças transplantadas de órgãos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Vol.23(1), pp. 64-72.
- CAVALCANTI, Sandra Lopes; CORREIA, Divanise Suruagy; TAVEIRA, Maria das Graças Monte Mello. (2019). Adolescentes com neoplasia: desenho como expressão de emoções. **Revista de Enfermagem UFPE**, Vol.13 (4), pp. 1-12.
- DERDYK, E. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: Scipione, 1989.
- DIAS, Talita Pereira; ALMEIDA, Nancy Vinagre Fonseca de. (2009). Atividade de desenho como mediadora de interações sociais entre crianças. **Paidéia**, Vol.19(44), pp. 313-322.
- ESCUDEIRO, Cristiane Moraes; BARBOSA, Eliza Maria; SILVA, Janaína Cassiano. (2016). O desenho infantil de crianças de três anos e sua articulação com os rudimentos da escrita. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Vol.11(4), pp. 2287-2305.
- FERNANDES, Beatriz Silverio. (2006). O desenho como recurso auxiliar em psicoterapia de grupo com crianças. **Vínculo**, Vol.3(3), pp. 46-55
- FERREIRA, M. M. M. (2008). “Branco demais” ou... Reflexões epistemológicas, metodológicas e éticas acerca da pesquisa com crianças. In: SARMENTO, M.; GOUVEA, M. C. S. de (Orgs.). **Estudos da Infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis: Vozes, pp. 143-162.
- GOBBI, M. (2002). Desenho Infantil e Oralidade: instrumentos para pesquisa com crianças pequenas. In: DEMARTINI, Z; FARIA, A e PRADO, P. **Por uma cultura da infância**. Lisboa: Autores Associados.

GOBBI, Marcia Aparecida. (2012). Desenhos e fotografias: marcas sociais de infâncias. **Educar em Revista**, n. 43, pp. 135-147.

GOBBI, Marcia Aparecida. (2014). Mundos na ponta do lápis: desenhos de crianças pequenas ou de como estranhar o familiar quando o assunto é criação infantil. **Linhas Críticas**, v. 20, n. 41, pp. 147-165.

GOLDBERG, Luciane.; FROTA, Ana Maria Monte Coelho. (2017). O desenho infantil como escuta sensível na pesquisa com crianças: inquietude, invenção e transgressão na elaboração do mundo. **Rev. Humanidades**, v. 32, n. 2, pp. 172-179.

GONÇALVES, Andrielle Novak; BORTOLOTTI, Fernanda Seidel; MENEZES, Marina; BROERING, Camilla Volpato; CREPALDI, Maria Aparecida. (2014). Memórias sobre cirurgias eletivas: o que expressam as crianças. **Revista da SBPH**, Vol. 17(1), pp. 05-25
Grubits, Sonia. (2003). A casa: cultura e sociedade na expressão do desenho infantil. **Psicologia em Estudo**, Vol. 8, pp. 97-105.

GRUBITS, Sonia. (2003). A casa: cultura e sociedade na expressão do desenho infantil. **Psicologia em Estudo**. Vol.8(spe), pp. 97-105.

HISTER, Rejane. (2015). A criança e o seu desenho: uma construção significativa na idade pré-escolar. **Eventos Pedagógicos**, Vol.6(4), pp. 252-261.

MENEZES, Marina; MORÉ, Carmen L. O. Ocampo; CRUZ, Roberto Moraes. (2008). O desenho como instrumento de medida de processos psicológicos em crianças hospitalizadas. **Avaliação Psicológica**, Vol.7(2), pp. 189-198.

MENEZES, Marina; MORÉ, Carmen L. O. Ocampo; CRUZ, Roberto Moraes. (2008). O desenho como instrumento de medida de processos psicológicos em crianças hospitalizadas. **Avaliação Psicológica**. Vol.7(2), pp. 189-198.

MOREIRA, A. A. A. **O espaço do desenho: a educação do educador**. 13. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

NATIVIDADE, Michelle Regina Da; COUTINHO, Maria Chalfin. (2012). O trabalho na sociedade contemporânea: os sentidos atribuídos pelas crianças. **Psicologia e Sociedade**, Vol.24(2), pp. 430-439.

NATIVIDADE, Michelle Regina da; COUTINHO, Maria Chalfn; ZANELLA, Andréa Vieira. (2008). Desenho na pesquisa com crianças: análise na perspectiva histórico-cultural. **Contextos Clínicos**, v. 1, n. 1, pp. 9-18.

OLEQUES, Liane Carvalho. (2016). Desenho e escrita: características na produção gráfica de duas crianças com Síndrome de Down. **Revista Educação Especial**, Vol.29(54), pp. 41-52.

OLIVEIRA BONCI, Estela Maria. (2014). Uma janela aberta para a leitura de mundo: o desenho de crianças de 9/10 anos a partir de intervenções pedagógicas. **Revista Confluências Culturais**, Vol.3(2), pp. 105-106.

PACHECO, Caroline Brendel. (2007). The use of drawings in the study of musical perception: A preliminary study with children. **Música Hodie**, Vol.7 (1), pp. 121.

PERES, Rodrigo Sanches. (2003). O desenho como recurso auxiliar na investigação psicológica de crianças portadoras de surdez. **Psic: revista da Vetor Editora**, Vol.4(1), pp. 22-29.

PRUDENCIATTI, Shaday M.; TAVANO, Liliam D'Aquino; NEME, Carmen Maria Bueno. (2013). O Desenho: Estória na atenção psicológica a crianças na fase pré - cirúrgica. **Boletim - Academia Paulista de Psicologia**, Vol.33(85), pp. 276-291

SANTOS, Clézio Dos. (2016). The Drawing Of Place: An Experience In Childhood's Geography In "Baixada Fluminense". **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Vol.6(11), pp. 185-207.

SCARELI, Giovana; DA SILVA GAVA, Sabrina. Desenho infantil e produtos culturais: como aparecem as sereias?. **Childhood and Philosophy**, Vol.12 (25), pp. 659-687.

SILVA, Gisele Da Costa. (2016). O desenho da criança na educação infantil. **Eventos Pedagógicos**, Vol.7(3), pp. 1117-1131.

SILVA, Josianne Maria Mattos Da. (2010). O desenho na expressão de sentimentos em crianças hospitalizadas. **Fractal: Revista de Psicologia**, Vol.22(2), pp. 447-456.

SILVA, Marcilene Do Nascimento; SOUZA, Isabela Augusta Andrade. (2011). A imaginação e a linguagem expressas no desenho da criança. **Eventos Pedagógicos**, Vol.2(2), pp. 123-131.

SILVA, Silvia Maria Cintra Da. Condições sociais da constituição do desenho infantil. (1998). **Psicologia USP**, Vol.9(2), pp. 205-220.

TARDIVO, Leila Salomão de La Plata Cury. (2017). O desenho da figura humana em crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica. **Boletim - Academia Paulista de Psicologia**, Vol.37(92), pp. 63-78.

TIETZE, Francisca; CASTANHO, Marisa Irene Siqueira. (2016). Educação integral: significações por alunos de ensino fundamental pelo par educativo. **Revista Psicopedagogia**, Vol.33(100), pp. 5-18.

ZERBATO, Ana Paula; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. (2015). Desenho infantil e aquisição de linguagem em crianças surdas: um olhar histórico-cultural. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Vol.21(4), pp. 427-442.

APÊNDICE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, declaro que estou ciente de que o objetivo da **pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)** da discente do curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) **Cristina Silva dos Santos**, orientada pelo Prof. Dr. Carlos Maroto Guerola, com o título provisório “A comunidade do Engenho de Baixo no olhar dos anciões e das crianças”, é investigar a visão e representação de crianças (através de desenhos e conversas) e anciões (através de entrevistas) sobre a comunidade em que vivem.

Declaro que aceito participar desta pesquisa e que estou ciente que posso me recusar a participar a qualquer momento.

Autorizo, portanto, à Cristina Silva dos Santos, a fazer uso do material coletado em entrevistas comigo e/ou a partir dos desenhos e conversas com o/a(s) nosso/a(s) filho/a(s) _____ para fins de elaboração da sua monografia de Trabalho de Conclusão de Curso.

E para que assim conste assino a presente declaração em _____ a _____ de _____ de 2019.

Assinado:

Título (provisório) da pesquisa: “A comunidade do Engenho de Baixo no olhar dos anciões e das crianças”

Nome da pesquisadora: Cristina Silva dos Santos